

“AMOR DA CABEÇA AOS PÉS”



Playlist

"Amor da cabeça aos pés"

Vinícios Kabral Ribeiro

Alessandra Brandão

Ramayana Lira

O amor... Nos amamos loucamente porém enrascadas em psicanálise (pode?) e no “mulher com mulher”. Acaba quase todo dia. Não sei direito (tem que?) entrar para colônia gay, mas desejo mais escracho, mais verão sim, e entro numa pedagogia da desopressão que vira um papel. Precisaria ficar simplesmente mais quieta. Mas o que esse caso tem me virado... Não sei como, recuperando uma espécie de dom da sobriedade. Quando acaba fico grave, meio empertigada, com projetos muito ao chão; quando recomeça palpito, me sobressalto, tenho medo e eloquência. Há sim uma emperração fundamental que volta e meia. Cosa devo fare? (Ana C. Cesar)

Foi amor à primeira vista” (Caio F. Abreu)

Vamos partir, amor.
Subir e descer rios
Caminhar nos caminhos
Beijar
Amar como feras
Rir quando vier à tarde.
(Hilda Hilst)

“Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é”.
(Carolina Maria de Jesus)

“Foucault, não mexe no meu rádio”.
(Ieda Tucherman).

A gente mira no amor e acerta na solidão? Esta contradição é o título do livro da psicanalista Ana Suy (2022). Ela também nos lembra que “o amor de alguém nos funda na vida. É sempre por amor que vivemos, mesmo que seja um amor meio torto, e com frequência o é. Portanto, no início era o amor... e depois também”. Estamos sacodidas. Balançadas. Tocadas pelo amor, miramo-los e ficamos de ponta-cabeça. Estas garotas que vos escrevem, sentaram-se em um bar e foram fabular. Fãs de Ana Cristina Cesar, devotas da fina ironia de Caio Fernando Abreu e matriculadas na escola de más maneiras de Cassandra Rios e Néstor Perlongher. Uma amizade adolescente, completando 12 anos, rebelde como essa fase exige ser. O palco era a Socine de São Paulo, 2012, daí a cada ano sempre um bar, dois, três. Karaokês, para deixar aquele climinha Jia Zhangke, porque elas também são do cinema. Colaram velcro em Foz do Iguaçu e assim se fez o dossiê.

Fomos abençoadas por uma bruxe. Era uma senhora bufólica, dona Hilda, mãe de uma fadinha lésbica. Falamos com ela pela sintonia de uma rádio AM. Ela gostava dessas coisas, de amor além da vida. Ela nos deu instruções, quase um manual ABNT: Amores Bonitos Navegantes do Tempo. E perguntávamos se Ana não quis mesmo ou não soube entrar para a colônia gay. A vida tem dessas coisas: perfumes, fragrâncias. As ciências (da literatura, da comunicação, da incorporação) dizem que o cheiro da pessoa amada pode virar nossa cabeça. Amar é ficar nua ao sol, com a máquina de escrever no colo, ao lado de Gloria Anzaldúa. Ela nos imaginava e cá estamos peladas e molhadas ao som de Gal.

“Não se assuste pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa”: a voz Fa-Tal de Gal Costa guia este dossiê temático. A incorporação “Amor da cabeça aos pés” objetivou revirar imagens, pesquisas, ensaios e desvios produzidos no âmbito da comunicação e áreas afins. Vida-boa, vida-lazer, vida-vida são, aqui, possibilidades de engendrar alegria, coragem e atenção para navegar as rotas do contemporâneo. Paul Preciado relembra que “o amor é um tipo de mapa de conexões (movimentos, descargas, reflexos, convulsões e tremores) que durante um tempo regula nossa produção de afetos (Preciado, 2018, p.418)”. Sendo assim, o “amor da cabeça aos pés” ambicionou, mesmo que por instantes, ser traduzido esteticamente, para desviarmos das agruras mundo, discordarmos das injustiças e vislumbrarmos o amor como uma ação (hooks, 2021). Ou seja, táticas capazes de transformar o firmamento, o nosso redor e a nós mesmas.

Partimos do pressuposto que estar diante de imagens (nas mídias audiovisuais e digitais) demanda um engajamento afetivo e uma agência implicada, para uma prática espectral encarnada no corpo e no olhar (Sobchack, 2004). Assim, lançamos aquele convite íntimo e muitos corpos-textos-vidas entabularam-se com o envio de pesquisas e experimentações acadêmicas/artísticas permeadas pela irrupção do amor e de suas metodologias corporificadas. O “amor da cabeça aos pés” nos aglutinou e como amor não se divide, mas se multiplica, a quantidade e a qualidade dos textos nos possibilitaram o lançamento de dois volumes do dossiê, estando aqui a primeira face deste cubo mágico.

Este dossiê é uma ação para querermos e desejarmos cada vez mais o mundo que nos rodeia:

“qualquer coisa ruim
que ameace as pessoas que amo;
para mim o único terror
e que deixe de saber
Como querer e desejar
O mundo que me rodeia (Sedgwick)”

A primeira faísca do amor é de Fábio Ramalho, em seu texto “Formas da imaginação e usos desviantes da tecnologia no cinema brasileiro contemporâneo”. A chama é acesa ao ignizar as interseções entre estética audiovisual, imaginação e tecnologia no cinema contemporâneo brasileiro. A análise parte da observação de que cineastas têm utilizado tecnologias que evocam períodos anteriores do cinema e outras mídias, bem como dispositivos contemporâneos, para criar um campo de potencialidades no audiovisual.

Em sua constelação de análise, destacam-se obras como “Uma paciência selvagem me trouxe até aqui” (2020) de Éri Sarmet, “Doce Amianto” (2013) de Guto Parente e Uirá dos Reis, “Inferninho” (2018) de Guto Parente e Pedro Diógenes, “Batguano” (2014) e “Sol alegria” (2018) de Tavinho Teixeira. Estas obras utilizam técnicas como chroma-key, projeções de fundo e múltiplas telas, resultando em efeitos estéticos que des-viam a narrativa cinematográfica e nos convida à participação em uma rede de referências e reinvenções.

Quando duas mulheres atravessam a ponte Rio-Niterói de moto, como na cena de “Uma paciência selvagem me trouxe até aqui”, observamos uma dinâmica afetiva entre as personagens. O uso de projeções de fundo transformam o espaço urbano em um elemento visualmente afetado pelas emoções. A música escolhida, “Noite preta” de Vange Leonel, convoca o corpo leitor para se aprazer com essas imagens sapatão.

O artigo discute como essas escolhas estéticas não apenas captam a realidade, mas a reinterpretam, criando enlaces e experiência sensorial através da imagem em movimento. O artigo não apenas descreve as obras cinematográficas contemporâneas escolhidas, como propõe uma reflexão do uso criativo de tecnologias e estéticas para ampliar as fronteiras da imaginação cinematográfica, engajando o espectador em um diálogo de desvios do binarismo antigo/novo/in/familiar.

Chegamos em “Pornô e romance: ou o que pode a matriz do melodrama e da telenovela na exaltação de prazeres e corpos”, de Mariana Baltar. Aqui a centelha aqueceu o corpo-texto-dossiê. A autora investigou como obras pornográficas latino-americanas utilizam de forma reflexiva a matriz cultural da telenovela e do melodrama. Essas obras, segundo Baltar, desafiam e subvertem as normas convencionais de encontros e prazeres, frequentemente associadas à hegemonia cisheteronormativa.

Ao abordar obras como “Sexo dos Anormais” (Brasil, 1984), “Juntitos” (Argentina, 2010), e “Amoramor” (Argentina, 2014), a pesquisadora demonstra como essas produções incorporam elementos estilísticos e narrativos das telenovelas de maneira irônica e crítica dentro do contexto pornográfico. O que culmina na categoria de “casais pornô-românticos”, cujos encontros desafiam as normas tradicionais de representação sexual e afetiva na mídia *mainstream*.

O artigo ainda analisa, com robustez, o pós-pornô latino-americano como um movimento artístico e político que busca reconfigurar o campo da pornografia. Diferenciando-se da pornografia comercial, que muitas vezes perpetua estereótipos e normas sexuais, o pós-pornô latino-americano aposta na linguagem intertextual e provocativa para incluir sexualidades ditas dissidentes, como as de pessoas queer, não-binárias e trans. Isso não só subverte expectativas estéticas e narrativas, mas também questiona as ideologias de gênero e as estruturas de poder presentes na produção e consumo de mídia excitável.

As chamas chegaram ao convento de Carol Almeida, com seu texto “Pela produção de um contra-arquivo do imaginário de freiras lésbicas no cinema e na TV”. A investigação se coloca diante da representação de freiras lésbicas no cinema e na televisão, particularmente no filme “Damned if You Don’t” (1987), dirigido por Su Friedrich, como um exemplo paradigmático. O filme é discutido como um ponto de partida para estabelecer um contra-arquivo queer/cuir que desafia e subverte as normas heteronormativas predominantes.

A análise se baseia não apenas na narrativa visual de Friedrich, mas também no contexto cultural e histórico das representações de freiras lésbicas. Fontes adicionais, como depoimentos compilados

no livro “Lesbian Nuns: Breaking Silence” (1985), oferecem uma perspectiva autobiográfica e testemunhal de ex-freiras, elucubrando a compreensão das experiências vividas por mulheres que desafiaram normas de gênero e sexualidade dentro de instituições religiosas.

O artigo propõe um inventário crítico dessas representações visuais e testemunhos, examinando como tais figuras são construídas e contestadas no cinema queer contemporâneo. A metodologia deglute teorias *queer*, estudos fílmicos e crítica cultural, destacando a importância do contra-arquivo como uma prática cultural e política que não apenas desestabiliza normas, mas também oferece novas formas de imaginar e reconfigurar identidades e narrativas.

Ao sairmos do convento, nos deparamos com olhar maternal captado por Dieison Marconi, nas “Constelações de cumplicidades sinuosas entre mães e filhos gays”. O ensaio propõe um adensamento sobre os vínculos entre mães e filhos gays, a partir das conexões autobiográficas e culturais de obras de diversos artistas. Marconi destaca a interseção entre literatura, cinema e artes plásticas, exemplificada por Abdellah Taïa, Édouard Louis, Roland Barthes, Pier Paolo Pasolini, Pedro Almodóvar, Caio Fernando Abreu, Xavier Dolan, Pedro Lemebel, Farnese de Andrade, Paulo Gustavo e Rainer Werner Fassbinder.

Aqui, a memória pessoal e cultural é costurada pela experiência do próprio autor como um fio condutor. Aborda-se como a maternidade e a revelação da homossexualidade podem ser simultaneamente divisoras e fundadoras de identidade. A exegese não busca uma compreensão uniforme e psicologizante desses vínculos, mas sim uma reflexão sobre a história social encarnada e subjetivada da maternidade e da filiação homossexual.

Mal tivemos tempo de secar nossas lágrimas e voltamos a um estado plangitivo com o texto “O estatuto do heteropessimismo na cultura pop contemporânea: uma análise de Fleabag”, de Bruno Reis/Juru e Thalita Bastos. Nessa pesquisa, as pessoas autoras debruçam-se os processos contemporâneos da heterossexualidade, com um foco nas manifestações de insatisfação das mulheres cis heterossexuais na cultura pop. Ao iniciar uma reflexão sobre a heterossexualidade compulsória, conceito articulado por Adrienne Rich, Bastos e Reis destrincham como a sociedade patriarcal impõe normas de heterossexualidade às mulheres. O artigo dirige-se à heteronormatividade, com destaque de como a heterossexualidade é naturalizada e as identidades não heterossexuais são subalternizadas.

O conceito de heteropessimismo, ou recentemente chamado de heterofatalismo por Asa Seresin, é central. Tal fenômeno, onde mulheres heterossexuais expressam insatisfação com a

heterossexualidade, se dá em razão das dificuldades em se abandonar as estruturas sociais e culturais que sustentam a heterossexualidade. O heterofatalismo demarca o conflito entre o desejo de pertencimento à heterossexualidade e o descortinamento do sofrimento que ela pode causar, sobretudo nas relações de gênero marcadas pela misoginia.

Ao assistirmos por seus olhos a série britânica *Fleabag*, podemos observá-la como um exemplo da cultura pop que aborda essas questões. A série opera tanto na desconstrução de estereótipos de feminilidade e masculinidade, como questiona as expectativas sociais em torno da heterossexualidade. Em que pese o fato do heteropessimismo possibilitar uma crítica pertinente à heterossexualidade normativa, modificar o *status quo* requer mais que a desidentificação com essa norma, e sim a criação de existências que implodem e perfuram os limites da heterossexualidade compulsória.

Ao transcendermos a claustrofóbica imaginação heteronormativa, chegamos ao “Espaço Íntimo: amor, atmosfera e sensorialidade” de Carolina Amaral e Isadora Spohr Krummenauer. A composição sustenta o conceito de “espaço íntimo” no contexto cinematográfico, destacando-o como uma esfera de alteridade e utopia romântica. A partir da análise de filmes como “Guerra Fria”, “Felizes Juntos”, “A pior pessoa do mundo” e “Carol”, as pesquisadoras esmiúçam como esses espaços são construídos em cenas de vulnerabilidade e desejo, influenciando a atmosfera e a *mise-en-scène* das narrativas amorosas. A utilização dos fundamentos de Eva Illouz sobre a utopia romântica, Antoine Gaudin e Vitor Zan sobre o espaço cinematográfico, além de conceitos de atmosfera de autores como Gumbrecht e Gil, carnalizam esses elementos na criação de momentos de intimidade cinematográfica.

O artigo rutila que as tramas românticas dividem uma compatibilidade na construção desses espaços íntimos. Em contraposição às narrativas convencionais, esses momentos não apenas investem no aprofundamento emocional das histórias, como oferecem uma experiência estética singular, transfigurando o espaço físico em um ambiente simbólico para os personagens e para o público, pois não se limita a um conceito narrativo ou técnico, mas funciona como uma manifestação fenomenológica, influenciando tanto a experiência dos personagens quanto a percepção dos espectadores. São “ilhas de intimidade”.

Em “O recorte de gênero, afetos e possibilidades para Economia Política da Comunicação”, Chalini Torquato observa como a noção enraizada de amor romântico foi utilizada como instrumento de controle e de exploração. Ao analisar as intersecções entre gênero, raça, colonialidade e afetos

na contemporaneidade, a autora sublinha como esses marcadores são entrelaçados nas estruturas patriarcais e capitalistas.

Partindo de uma revisão bibliográfica de pesquisadoras feministas, negras e decoloniais, Torquato repercute como o sistema de acumulação capitalista se apoia na exploração do trabalho não remunerado das mulheres, notadamente no espaço doméstico, perdurando desigualdades estruturais. Tal exploração é historicamente incentivada e reiterada pelo ideal de amor romântico e pelo casamento monogâmico, intensificando a dependência econômica das mulheres em relação aos homens.

A autora nos lembra que as dinâmicas de gênero são moldadas por narrativas culturais e ideologias que sustentam o patriarcado e o capitalismo. Tais imbricações não só instrumentalizam os afetos das mulheres para manter uma ordem social desigual, como regulam sua sexualidade e impõem normas de comportamento que insistem na subordinação feminina. O olhar interseccional avulta como mulheres racializadas enfrentam uma dupla marginalização, sendo submetidas não somente ao sexismo, mas também ao racismo estrutural. Ao ampliar o debate dentro da Economia Política da Comunicação (EPC), propõe-se esgarçar espaços para uma análise crítica que não negocie a diversidade de experiências e pontos de vista, contribuindo para uma práxis acadêmica socialmente referenciada e sensível às questões dos afetos, gênero, raça e colonialidade na contemporaneidade.

Em “Minha vó branca: amor, violência, amor”, nos colocamos ao lado de Fernanda Carrera para ouvirmos as complexidades do amor em contextos familiares inter-raciais, especialmente através da história da avó de Carrera, uma mulher branca em um casamento com um homem negro. A pesquisadora nos lembra como o amor é moldado por dinâmicas raciais, sendo muitas vezes atravessado por violências sutis e estruturais. A avó, apesar de amar profundamente seu marido e filha, demonstra isso de maneira conflituosa ao utilizar termos racistas e tentativas de branqueamento. Essas práticas apontam para como em todas as relações estamos sujeitos a contradições e ambiguidades, e como pode ser difícil negociar com as hierarquias raciais internalizadas.

A autora reafirma o amor como uma habilidade social aprendida e praticada ao longo da vida, influenciada por normas socioculturais que nos hierarquizam pela racialização dos corpos. Sua lente interseccional examina como pessoas brancas e negras experienciam e interpretam o amor de maneiras distintas. Ao passo que pessoas brancas frequentemente minimizam as percepções de racismo nas relações inter-raciais, pessoas negras estão mais sintonizadas com as sutilezas do

racismo cotidiano. Isso cria um desequilíbrio de poder e compreensão nas interações amorosas, onde o reconhecimento das pistas comportamentais é crucial para mitigar mal-entendidos e conflitos.

Ao nos despedirmos de sua carta, Carrera aguilhoa à visão romântica e uniforme do amor, propondo uma postura crítica que considera as tensões das relações afetivas inter-raciais. O amor, aqui, não é apenas um sentimento espontâneo, mas um construto cultural e social amalgamado por normas de poder e privilégio racial.

Este número traz, ainda, a tradução de Jefferson Rocha Leite De Oliveira de um precioso texto de Eve Kosofsky Sedgwick, "Como criar filhos gays", uma reflexão tempestiva sobre a "guerra contra as crianças viadas". O ensaio original, publicado em 1993, ressurgiu em nosso tempo com o vigor típico das perspectivas sábias (Sedgwick nossa ancestral): um alerta sobre como gênero e sexualidade podem ser usados como arma contra sujeitos dissidentes. Sem poupar a miopia de certo ativismo, mas apontando suas armas teóricas (e irônicas) para o *establishment* da psicologia e psicanálise, Sedgwick contrataca argumentando que essas perspectivas encobrem (e, por vezes justificam), o ódio aos gays, o desejo de que nós e nossos corpos não existamos. Tudo seria muito mais fácil de explicar, categorizar, "curar", não fossem essas subjetividades rebeldes, cheias de vontade e tesão, que teimam em existir. Sedgwick conclui que não há teoria que consiga dar conta dessas dissidências sem, antes, abandonar, por completo, essa vontade subjacente de eliminar o problema, nós e nossa *cuiridade*. Amar a criança viada como problema, sem abandoná-la aos regimes binários que tudo facilitam, explicam e ajudam a matar. Eis a tarefa de nossa época. Que Sedgwick nos ampare.

ENSAIO VISUAL

Ao iniciarmos a despedida deste primeiro volume do dossiê, nos sentimos embalados por Alcione, vocês nos viraram a cabeça. Mexidos e remexidos, olhamos as imagens de Daniel Meirinho, com o ensaio visual "Caixa de Ferramentas Afetivas", que nos apresenta dinâmicas emocionais Daniel e o seu pai, por meio de um inventário fotográfico e catalográfico. Utilizando uma série de fotografias organizadas meticulosamente, Meirinho documenta as peças contidas na caixa de ferramentas de seu pai, lembrando como esses objetos disparam afeto e vínculo. As imagens capturam não apenas a utilidade prática do ferramental, mas também as memórias e experiências compartilhadas ao utilizá-las juntos.

O ensaio descortina os equipamentos para além de suas funcionalidades, elas são símbolos de masculinidades, paternidade e habilidades transmitidas entre gerações. O pai ensina técnicas e práticas, aliadas à perseverança, cuidado e proximidade. Por fim, o autor atenta-se aos estereótipos de gênero, reconhecendo a cisão histórica das mulheres desses rituais de aprendizado e afeto. Ao mesmo tempo, questiona como essas ferramentas são heranças culturais que moldam identidades e relações familiares. As fotografias de Meirinho deslocam-se dos registros descritivos para narrativas visuais dos amores compartilhados entre pai e filho.

O até logo (ou logos) é feito em movimento, com Milene Migliano e sua “Dança envolvente e ficção visionária: fabulação crítica de cidades amorosas para elas”. A partir de dois filmes, “Abjetas 288” e “Mato Seco em Chamas”, observamos mulheres protagonistas cis, trans, negras, indígenas e não-binárias que desafiam violências e opressões, que reinventam seus corpos marginalizados. Sua submetodologia indisciplinada alcança esses filmes com uma cartografia de afetos entre corpos audiovisuais em movimento e o seu papel como pesquisadora engajada. Migliano se inspira na ética amorosa de bell hooks e seus movimentos buscam reparação e encontro com outras epistemes.

Os filmes, situados em Aracaju e Ceilândia, reconfiguram os espaços urbanos movendo da resistência ao comunitarismo. Os cenários periféricos das duas cidades são importantes para as narrativas dos filmes, clivando a visão crítica das marginalidades urbanas e das estratégias de resistência das mulheres racializadas. A autora argumenta que esses espaços não são apenas geográficos, mas também políticos e culturais. As protagonistas reivindicam seu direito à cidade e à cidadania em meio às agruras da vida. A ação amorosa e comunitária das personagens desafia normas sociais e legais; embaralha as fronteiras públicas e privadas, intentando ampliar os modos de existência e solidariedade. A ética da reparação, e o sonho de futuros possíveis além das fronteiras impostas pelo colonialismo e patriarcado, são danças coletivas nas imagens e fora delas.

Desejamos às pessoas que deem um rolê, uma sarrada, uma colada de velcro nestas páginas que se seguem. Dedicamos esse amor *In Memoriam* à Ieda Tucherman, que agora deve deixar Foucault mexer em seu radinho, juntos, em seu Fusquinha metafísico/heterotópico. “Assim, cometendo plágio de meu próprio texto, quando eu desaparecer, mesmo que a pessoa que me seja mais íntima, que escovou os dentes comigo no mesmo espelho, só verá um vazio, lá onde eu me vi todas as manhãs” [...] Nota 24, sobre esta passagem: “para mim, isso é o auge da intimidade” (Tucherman, 2019, p.68)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

PRECIADO, P. B. **Testo junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Un diálogo sobre el amor**. Madrid, Editorial Alpuerto, 2019.

SOBCHACK, Vivian. **Carnal thoughts**. Berkeley: University of California Press, 2004.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

TUCHERMAN, Ieda. **Arqueologia do discurso amoroso**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2019.

MINI-BIO DAS EDITORAS CONVIDADAS:

Alessandra Soares Brandão tem pós-doutorado pela Universidade de Leeds, Inglaterra. Foi vice-presidente e secretária acadêmica da SOCINE, além de editora da Rebeca (2015/2017). É professora do curso de Cinema e dos Programas de Pós-Graduação em Letras/Inglês (PPGI), e Literatura (PPGLit), na linha de pesquisa de Crítica Feminista e Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Catarina, onde coordena o Grupo de Pesquisa Queerrâncias (CNPq). Foi uma das organizadoras do *Fazendo Gênero 12*, sediado pelo *Instituto de Estudos de Gênero (IEG)*, UFSC, em 2022. Tem pesquisas e publicações dentro e fora do Brasil em intensa colaboração com Ramayana Lira de Sousa, com ênfase em questões de gênero, queer e feministas. Em 2020/2021, organizou dois volumes do dossiê *Cinemas e audiovisualidades queer/kuir/cuir no Brasil e na América Latina*, na Rebeca/SOCINE, em parceria com Dieison Marconi. É membro da *Rede Macunaíma de Afetos* e do coletivo *Tenda Cuir (ST Socine 23/24)*.

Ramayana Lira de Sousa é professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e do Curso de Cinema e Audiovisual da UNISUL. Foi membro do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal e ocupou a vice-presidência da SOCINE em dois mandatos. Coordenou os STs *Cinema, Transculturalidade e Globalização* e *Cinema Feminista e Queer*. Pesquisa questões feministas e *cuir* no cinema e cultura visual, com publicações no Brasil, América Latina, EUA e Europa. Tem intensa colaboração com a pesquisadora Alessandra Brandão em vários projetos de

pesquisa e de extensão. É membro do coletivo +Mulheres Audiovisual, que reúne realizadoras e pesquisadoras, e da Rede; Caleidoscópio. É membro da *Rede Macunaíma de Afetos* e do coletivo *Tenda Cuir (ST Socine 23/24)*.

Vinícios Kabral Ribeiro: é professor Adjunto da Escola de Comunicação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do grupo de pesquisa “Formas de habitar o presente”. Membro da rede de pesquisa FAPERJ “Gênero, raça e identidade: representações femininas na música, artes visuais e bancos de imagens”, com as professoras Beatriz Polivanov (UFF) e Fernanda Carrera (UFRJ). Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, na linha de pesquisa em Tecnologias da Comunicação e Estéticas. Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ (01/2021 a 01/2022) e no PPGCINE/UFF (01/2022 a 01/2023). Membro da Rede Macunaíma de Afetos e da Tenda Cuir (*ST Socine 23/24*). Interesses em estudos sobre cinema, fotografia e cultura visual contemporânea, em interface com as políticas dos corpos e os marcadores sociais da diferença.